

**METODOLOGIAS E INTERDISCIPLINARIDADE NO
ESTUDO DA FAMÍLIA**

Coordenador:

Zélia Maria Mendes Biasoli Alves (USP-RP)

Participantes:

Eucia Beatriz Lopes Petean (USP-RP)

Geraldo Romanelli (USP)

Jerusa Gomes (USP)

Mara C. Lago (UFSC)

Maria Auxiliadora Campos Dessen (UnB)

Maria Aparecida Crepaldi (UFSC)

Maria Regina Maluf (USP)

Nadir Zago (UFSC)

Silvia Leser de Mello (USP)

Vannúzia Leal Andrade Peres (UnB)

REAÇÃO DOS PAIS À DEFICIÊNCIA DO FILHO: IMPACTO DA NOTÍCIA E A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL

*Eucia Beatriz Lopes Petean
Fabiola Carin Rodrigues Brunhara
Universidade de São Paulo.*

O nascimento de um filho é uma experiência única, faz parte do ciclo de vida de uma família, representa a realização do papel social do casal. O nascimento de uma criança portadora de deficiência ou anomalia genética constitui-se num evento traumático e desestruturante da unidade familiar. Neste sentido, este trabalho procurou conhecer junto a esses pais qual o impacto causado pela notícia, suas reações, sentimentos e como explicam o problema. Foram entrevistadas 21 mães de crianças com suspeita de serem portadoras de deficiência e/ou anomalias genéticas, encaminhadas ao Serviço de Aconselhamento Genético da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP, para diagnóstico e orientação. As entrevistas foram realizadas antes da primeira consulta médica neste serviço, seguindo um roteiro semi-estruturado, com 6 tópicos: dados pessoais; sobre o nascimento; informações sobre o serviço; conhecimento do problema; aspectos emocionais; e informações gerais sobre o casal. Os dados foram analisados (Análise Temática de Conteúdo) com base nos tópicos abordados no roteiro. A amostra caracterizou-se por mães que, em sua maioria (38%), tinham idade entre 20 à 25 anos ao nascimento do filho. Desta amostra, 62% planejaram a gravidez. Em relação as crianças, 52% tinham até um ano de idade e 32% são primogênitos. Os resultados demonstraram que ao receberem a notícia as mães passaram inicialmente por um período de choque, manifestando a seguir sentimentos conflitantes, entre eles: negação, revolta, resignação, frustração e culpa. Utilizaram-se de credences populares, explicações científicas e religiosas para justificar o diagnóstico, sendo que a maioria expressou dúvida quanto a causa da deficiência do filho. Frente a estes dados pode-se concluir que, independente da problemática, a notícia de uma possível deficiência no filho é sempre um choque. É difícil para as mães aceitarem o diagnóstico, fazendo com que busquem constantemente explicações para o fato e tratamentos que visem cura. Tendo em vista os pontos aqui levantados, considera-se de suma importância que os profissionais envolvidos no trabalho com essas famílias conheçam estas dinâmicas para que possam atuar efetivamente, ajudando estas famílias em sua reestruturação e reequilíbrio. Buscando medidas que venham auxiliar na resolução desse processo, sugere-se a implementação de programas de treinamento visando a formação dos profissionais da área de saúde, de serviços de orientação de pais, entre outros.

FAMÍLIA, RELAÇÕES DE PARENTESCO E O PROCESSO SAÚDE/DOENÇA

*Geraldo Romanelli
Universidade de São Paulo*

Nas sociedades capitalistas, a família tem sido a principal instituição responsável pelo cuidado e tratamento de doentes e inválidos. Nessas sociedades, a importância da família de diferentes classes e camadas sociais nesse processo funda-se no modo como dispensa tais cuidados, permeados por relações afetivas e personalizadas, que se contrapõem ao atendimento formal e impessoal prestado pelos serviços públicos e privados de saúde que, gradativamente, tendem a substituí-la no desempenho dessas atribuições. Genericamente, o atendimento aos doentes era desempenhado por mulheres de suas famílias, fossem elas suas mães, esposas, irmãs ou filhas. Além delas, outras mulheres integrantes da parentela, portanto, fora da família daqueles que necessitavam de cuidados com a saúde, também podiam ser mobilizadas para se desincumbir desses afazeres. O surgimento da doença, bem como dificuldades financeiras e problemas emocionais dela decorrentes, permaneciam concentrados no âmbito do núcleo doméstico e das relações de parentesco e aí deveriam, preferencialmente, ser enfrentados e resolvidos. No entanto, transformações recentes na sociedade brasileira, afetam de modo intenso a esfera da vida pública e da vida privada, reordenando as relações domésticas e gerando dificuldades para que a família continue a dedicar-se aos cuidados com seus doentes. As mudanças mais significativas na dinâmica familiar reportam-se à participação maciça das mulheres no setor produtivo - o que contribui para a redefinição da divisão sexual do trabalho e dos papéis masculino e feminino - e à predominância de valores individualistas que acarretam alterações na sociabilidade doméstica, inclusive na expressão dos afetos, e na diluição dos laços de solidariedade, fundados nas relações de parentesco. Por sua vez, o plano da esfera pública passa por grandes transformações, dentre as quais as mais relevantes estão associadas à degradação dos serviços públicos de assistência à saúde e, acima de tudo, à profunda desigualdade na distribuição da renda, o que gera cada vez mais dificuldades no atendimento aos doentes. Considerando esse quadro de referências, este trabalho propõe-se a discutir as mudanças que ocorrem na instituição doméstica, particularmente nas famílias das classes populares, para avaliar como elas enfrentam as dificuldades para cuidar de seus doentes.

SOCIALIZAÇÃO, ESCOLA E TRABALHO: UMA PESQUISA INTERDISCIPLINAR

*Jerusa Vieira Gomes
Universidade de São Paulo*

Este trabalho tem como tema a questão da reprodução das desigualdades sociais através da análise do processo de socialização secundária, ou seja, aquele que se dirige à inserção dos sujeitos no mundo adulto, particularmente o mundo do trabalho. A questão da socialização torna-se central neste fim de século, quando as novas gerações são educadas não mais para uma sociedade tradicionalmente desigual, mas para uma sociedade de exclusão ostensiva e progressiva de grandes contingentes populacionais, inclusive nos países ricos. Nos países mais pobres a exclusão adquire uma característica paradoxal porque, aliadas à luta pela mera sobrevivência, crescem as aspirações ao consumo, fortemente veiculadas pelos meios de comunicação de massas. Mas é nas famílias que esse paradoxo é vivido integral e intensamente, sobretudo na relação pais e filhos. Se os pais aprenderam a aceitar a pobreza com certa naturalidade e a restringir suas aspirações de consumo, como os filhos reagem a essas mesmas limitações? Como socializa-los na e para a exclusão em uma sociedade de abundância? Mais ainda, o problema da escolarização precária e ineficaz das crianças e jovens das camadas populares constitui um desafio para o país, acrescentando ainda mais problemas ao paradoxo já citado. Tomando como ponto de partida dois conceitos o de capital cultural, desenvolvido especialmente por Pierre Bourdieu e o de mediação familiar, desenvolvido por Jean Paul Sartre, procurou-se estudar a inserção do jovem de classe popular, a partir de sua história e de sua família, no universo do trabalho urbano e qual o papel que a escolaridade desempenha nessa inserção, tendo em vista a forte restrição à criação de novos postos de trabalho. A partir destas considerações duas linhas de investigação foram perseguidas: em que medida a escolarização das camadas populares é fator relevante para a efetiva promoção cultural dessas camadas, representando a abertura de mercados de trabalho diferenciados; em que medida o capital cultural herdado das respectivas famílias promove ou impede o acesso do jovem a postos de trabalho mais diferenciados.

FAMÍLIA E PROCESSOS SOCIAIS: GÊNEROS, GERAÇÕES E SUBJETIVIDADES

*Mara Coelho de Souza Lago
Universidade Federal de Santa Catarina*

Na comparação dos "modos de vida" rurais, de sociedade que caracterizaríamos como camponesas, e urbanos, em cidade de porte médio com funções administrativas,

uma diferença que ressalta de imediato, especialmente se referida às camadas médias da população da cidade, é a concernente aos modelos de família: tradicional, hierárquica, no primeiro caso e nuclear, no segundo. A primeira, fundada na delimitação de papéis bem definidos, desiguais, e a segunda perseguindo ideais igualitários. As pesquisas que tenho realizado na Ilha de Santa Catarina, referem-se a localidades rurais, até recentemente dedicadas à pesca e à agricultura, que vivenciam a inviabilização de seus modos de vida tradicionais, pela urbanização (turística) das praias de origem. Processo rápido e agressivo de alterações que, acrescido das transformações derivadas dos movimentos de globalização das economias mundiais, impõem mudanças radicais ao mundo rural, especificamente. O trabalho que desenvolvo procura resgatar as representações dos sujeitos que vivenciaram estas dinâmicas, as quais afetam, fundamentalmente, desde suas formas de prover a subsistência, os valores culturais herdados dos colonizadores açorianos, até a constituição e dinâmica dos grupos familiares, com a saída das mulheres para o trabalho fora do âmbito doméstico, a escolarização dos filhos, a experiência de adolescentes nos moldes da contemporaneidade. As questões geracionais e de gênero, a constituição dos sujeitos, são analisadas, assim, nestes contextos que passam dos modelos tradicionais de família e organização social, com relações na definição hierárquica de papéis desiguais, para os modelos de relações fundadas nos ideais de igualdade, de afirmação das identidades, de individualização, de fragmentação, de segregação, que caracterizam a (pós?) modernidade.

FAMÍLIA DE CRIANÇAS ACOMETIDAS POR DOENÇAS CRÔNICAS: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA DOENÇA.

*Maria Aparecida Crepaldi
Universidade Federal de Santa Catarina*

Este trabalho investiga as representações sociais que as famílias de crianças hospitalizadas, acometidas por doenças crônicas, têm sobre a doença e a hospitalização. Investiga também se estas representações modificam-se durante o período de internação, onde as famílias participam de atividades, especialmente dedicadas à elas (Programa Mãe-participante), que visam fundamentalmente a veiculação da informação. Para por em prática esta medida a equipe se utiliza de técnicas grupais. A população estudada constituiu-se de 38 famílias, perfazendo um total de 50 participantes, e a metodologia de coleta de dados envolveu uma combinação de técnicas: observação participante de campo, entrevistas abertas e entrevistas que seguiram um roteiro semi-estruturado, além de observação sistemática de sessões de grupo de pais e de acompanhantes. Os dados da observação parti-

cipante de campo foram registrados em um diário de campo, aqueles relativos à observação sistemática em áudio-cassete e manualmente, enquanto os demais foram registrados em áudio-cassete, sendo transcritos posteriormente. Para análise de dados, utilizou-se técnicas de análise enunciativa do discurso. Os resultados indicaram que a primeira preocupação dos familiares é conhecer o diagnóstico, e a representação da doença tem o sintoma como núcleo central. A hospitalização é vista como uma experiência negativa, mas esta representação muda ao longo do período de hospitalização. Ao final deste, a maioria das famílias considera-se bem informada sobre a doença da criança e aprova a assistência recebida, mesmo que a doença não tenha sido curada, ou controlada, ou ainda tenha resultado em morte. As representações iniciais foram transformadas. Os pais não registram o nome científico da doença, mas utilizam-se das categorias do modelo médico, tais como etiologia, diagnóstico, prognóstico e tratamento, porém o conteúdo delas não se refere àquela da medicina oficial, mas sim às suas necessidades, experiências, e pertence social. O sintoma que antes era ininteligível, passa a ter *status* de sinal, cujo sentido encarrega-se de alertar os pais e orientar a conduta dos mesmos em relação à criança.

O PAPEL DO PAI NO CONTEXTO FAMILIAR: IMPLICAÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Maria Auxiliadora Dessen
Universidade de Brasília - UnB

Não há mais dúvidas de que os pais influenciam o desenvolvimento da criança, quer positiva ou negativamente, e que a compreensão da paternidade e da influência dos pais é muito maior hoje do que há 20 anos atrás. As últimas três décadas viram surgir e crescer o interesse de pesquisadores por este assunto, registrando-se um progresso substancial na literatura empírica internacional. No entanto, este progresso está muito incipiente no Brasil, quer do ponto de vista teórico quanto empírico. Assim, o objetivo primordial deste trabalho é discutir a importância e o papel desempenhado pelo pai no desenvolvimento da criança, visando suscitar o interesse de pesquisadores para a implementação de projetos no contexto brasileiro. Serão abordados temas relativos: a) às diferentes concepções sobre paternidade; b) ao desenvolvimento de interações e relações pai-criança dentro da família; e c) o pai na perspectiva da psicopatologia do desenvolvimento. Considerando que os pais e as crianças são vistos, hoje, como parte de um sistema complexo que é a família, focalizar-se-á o impacto do pai dentro do contexto familiar, englobando tanto os seus efeitos diretos quanto indiretos nas interações e

relações desenvolvidas entre eles e suas crianças. Sabe-se que a influência do pai sobre as crianças não pode ser adequadamente estudada somente em termos das interações pais-crianças, mas ela precisa ser compreendida sobretudo em relação ao contexto familiar mais amplo. A discussão terá como eixo norteador os seguintes pressupostos: a) há uma ampla variedade de tipos de família; b) os pais desempenham diferentes papéis em diferentes contextos subculturais e épocas históricas; e c) os papéis desempenhados pelos pais são multidimensionais e complexos. Questões metodológicas serão enfatizadas, sob a perspectiva do desenvolvimento, visando delimitar as tendências atuais e futuras sobre o papel do pai no contexto familiar, especialmente no que tange ao desenvolvimento de crianças pequenas. Ênfase será dada à necessidade de se focalizar as principais variações culturais dos comportamentos dos pais e de se compreender os padrões complexos e os processos de influência direta e indireta sobre a criança.

DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO E CULTURA: TENDÊNCIAS TEÓRICAS CONTEMPORÂNEAS

Maria Regina Maluf
Universidade de São Paulo
Pontifícia Universidade de São Paulo

Constata-se nas publicações recentes e nos debates entre pesquisadores voltados para o estudo do desenvolvimento psicológico, que está em construção um certo consenso a respeito da importância do contexto cultural na constituição das funções psíquicas. Observa-se também diferenças no modo de entender e de explicar essa reconhecida influência da cultura. Neste estudo foi realizada uma análise da literatura disponível, com o objetivo de verificar como está sendo enfocada pelos autores a relação entre desenvolvimento e cultura. Como resultado dessa análise, algumas questões estão sendo apresentadas e discutidas, conforme relacionaremos a seguir.

1- A dinâmica do desenvolvimento psicológico mostra mudanças dramáticas ao longo do horizonte temporal da vida humana. Por outro lado o contexto social também se modifica continuamente, podendo ser analisado, segundo alguns autores, em termos de macrosistema que passa pelo espaço vital do indivíduo e de microsistemas como a família e a escola. A partir dessa constatação, discutimos neste estudo a questão da comparação como instrumento heurístico básico para a produção de conhecimento em Psicologia do Desenvolvimento, cujos fenômenos a serem analisados devem ser comparados em diferentes momentos do seu tempo e lugar de ocorrência.

2- A socialização não é uniforme em todos os indivíduos, que ocupam posições sociais diversas, como classe social, grupo étnico, ocupam diferentes posições

na família e frequentam instituições educacionais que podem ser enormemente variadas. A socialização também não é passiva. Ao contrário, ela produz uma consciência individual criativa, que elabora e inventa concretizando as influências sociais de modo próprio. Vários autores já se preocuparam com as influências societárias sobre a Psicologia, que buscamos captar discutindo questões como as expostas a seguir. De que modo a família transmite práticas societárias mais amplas para a criança? Como as relações de trabalho influenciam a criança através dos pais? Como são moldadas culturalmente características emocionais, por exemplo a autoconfiança, a independência e a iniciativa? Qual o papel da interação verbal no desenvolvimento das funções psicológicas superiores? 3- Para a Psicologia do Desenvolvimento de enfoque sócio-genético, o desempenho individual é mediado socialmente. Assim, o desempenho psicológico é modelado a partir de um potencial geral que pode assumir muitas formas, determinadas amplamente pelo sistema de relações sociais da criança. Nesta perspectiva cabe rever algumas concepções a respeito das relações entre desenvolvimento e aprendizagem, com o objetivo de superar explicações reducionistas a respeito das assim chamadas dificuldades de aprendizagem escolar.

REALIDADES SOCIAIS E ESCOLARES E DINÂMICAS FAMILIARES NOS MEIOS POPULARES

Nadir Zago

*UFSC: Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Psicologia*

Os valores e as práticas familiares relacionados ao futuro dos filhos são de natureza distinta se considerarmos o momento da história econômica e social de uma sociedade em que a reprodução social era relativamente independente dos diplomas escolares de outro, mais recente, cujo capital dominante é representado pelo capital escolar. Inúmeros trabalhos realizados com famílias populares, no Brasil e no estrangeiro, confirmam a forte valorização e mobilização dos pais pela instrução dos filhos, contrariando a tese da privação socio-cultural, amplamente difundida nos anos 60 e 70. Apesar desta valorização, como explicar as variações encontradas nos grupos familiares, com diferenças, muitas vezes significativas, nos percursos e resultados escolares dos filhos oriundos de meios populares? É a partir desta questão central que orientarei meu trabalho: em primeiro lugar, pretendo mostrar como esta questão vem sendo investigada, quais os principais resultados de pesquisas e contribuições teóricas (especialmente a partir de contribuições recentes no campo da Sociologia da Educação de

língua francesa). Em segundo lugar, apresentarei parte dos resultados de pesquisas, que venho desenvolvendo nos últimos anos, sobre os percursos sociais e escolares e mobilização familiar nos meios populares. Os dados foram obtidos a partir de entrevistas semi-diretivas realizadas com 38 famílias, moradores de um bairro da periferia urbana de Florianópolis. Com base nos relatos tanto dos pais, quanto dos seus filhos, a análise está voltada para a compreensão dos percursos escolares e sociais enquanto processo e na sua interação com as disposições sociais, simbólicas e das práticas definidas pelos sujeitos sociais. Isto implica não no estabelecimento de uma correlação fator por fator, mas em uma análise dos percursos a partir das configurações sociais. No ambiente doméstico, "as combinações podem ser múltiplas entre as dimensões moral, cultural, econômica, política, religiosa..." (LAHIRE, E. *Tableaux de familles*, Lyon: Gallimard, 1995:24) e estas podem definir configurações sociais suscetíveis de influenciar nos resultados escolares. (*) Pesquisa desenvolvida com apoio do CNPQ.

SOCIALIZAÇÃO E VALORES: UM DESAFIO DA HISTÓRIA PARA A PSICOLOGIA SOCIAL

Sylvia Leser de Mello

Instituto de Psicologia, USP

A temática da família e as questões a ela relacionadas merecem especial atenção, sobretudo neste fim de século onde não há clareza nem definição precisa, no ocidente, quanto aos princípios civilizatórios básicos, ou sobre a ética que presumivelmente é parte de nossa bagagem cultural. Este texto pretende discutir as dificuldades que as famílias paulistanas de baixa renda, mas não apenas estas, devem enfrentar no seu trabalho cotidiano de socialização das crianças, quando não há clareza sobre questões relativas ao certo e ao errado. Esta fluidez dos limites das linhas de comportamento, presente na insegurança dos próprios socializadores, não deixa de afetar a criança, tornando-a, por sua vez, um adulto inseguro quanto aos princípios básicos para a orientação das suas crianças. Estas dificuldades possuem múltipla origem: as mudanças sociais aceleraram-se nos últimos 10 anos, incluindo mudanças nos costumes e nos comportamentos, públicos e privados; a maioria dos habitantes da Grande São Paulo é originária do campo ou pelo menos seus ascendentes mais próximos o são. Não apenas sua origem é rural como vivem, no caso da maioria das famílias de migrantes e descendentes de migrantes, em locais semi-segregados, como os bairros da periferia. Sua vida urbana tende a decorrer em ambientes que já foram marcados pela presença cultural de suas tradições; o país não é homogêneo e nele convivem

diferentes níveis de modernização - em outro trabalho chamei a atenção para as características arcaicas da cultura dos camponeses no sudeste de Minas há muito pouco tempo atrás; traços dessa cultura e dos seus valores centrais permanecem e atuam, mesmo quando os sujeitos disso não se dão conta; o poder de atração dos costumes urbanos é grande e a tradição pode gerar conflitos mal resolvidos com a socialização; os costumes urbanos e de consumo são veiculados pelos meios de comunicação de massas, valores cuja "modernidade" é, no mínimo, suspeita; também o trabalho modifica as perspectivas dos valores tradicionais, associados ao trabalho manual e passados de geração a geração. Discute-se, ainda, uma questão metodológica sobre as representações de Família e Valores. Supondo-se que aquelas representações são carregadas de normatividade e de tradição, os sujeitos tenderão a repetir o convencional, o lugar-comum ideológico. O recurso às crianças como informantes pode oferecer uma visão menos estereotipada e representações ainda em formação, com sugestão de conflitos possíveis.

VIDA FAMILIAR E INFÂNCIA ATRAVÉS DE CINCO GERAÇÕES: BRASIL, SÉCULO XX

*Zélia M. M. Biasoli-Alves
Universidade de São Paulo*

A pesquisa a respeito da vida familiar cresceu em importância durante as últimas quatro décadas e diferentes áreas das Ciências Humanas estão gerando estudos que buscam responder a questões teóricas ou práticas e estão evidenciando que nas sociedades urbanas ocidentais o período denominado de infância está num processo de constante alteração. Este trabalho objetiva mostrar a maneira como evoluem as relações entre adultos e crianças dentro do núcleo familiar, ao longo deste século, tomando por base um conjunto de estudos que vêm sendo realizados no Projeto Integrado "Família e Socialização: processos, modelos e momentos no contato entre

gerações". Dados de 45 entrevistas semi-estruturadas, realizadas com pessoas de idade variando entre 90 e 22 anos foram analisados, focalizando-se as rotinas diárias, as relações adulto x criança, atividades escolares, brinqueado / brincadeira, valores éticos e práticas religiosas. Paralelamente foram considerados também os resultados gerais de questionários aplicados a 360 jovens, alunos da 1ª série do 2º grau, de 15/16 anos pertencentes às camadas médias. A comparação entre gerações mostra:

- 1- Um aumento no nível educacional de homens e mulheres, associado a uma escolarização precoce das crianças atualmente;
- 2- A substituição da autoridade dos adultos por uma relação amigável entre pais e filhos, predominando hoje a liberdade de expressão;
- 3- Um mudança acentuada nas atividades de brinqueado/brincadeira com diminuição substancial do espaço, mas aumento na qualidade e sofisticação dos brinquedos, resguardadas as especificidades de cada geração;
- 4- A substituição, mais recente, da punição física, característica das primeiras gerações, por formas verbais e explicativas de correção do comportamento infantil;
- 5- A abertura para discussão de questões referentes à sexualidade;
- 6- A TV como uma influência na vida familiar que se acentua a partir dos anos cinquenta;
- 7- Uma diminuição na participação pela família em atividades de cunho religioso, especialmente ligadas à religião católica;
- 8- A alteração, da prática para o discurso, de valores tais como seriedade no trabalho, responsabilidade de uns para com os outros dentro das famílias, caracterizando a acentuação da individualidade na vida da família urbana moderna. Discute-se, a perspectiva que se delinea quanto a valores, práticas de cuidado/educação, formas de relacionamento e desenvolvimento social / emocional da criança nesse tipo de sociedade essencialmente urbana, fundada em padrões de consumo intenso, aliado a um sistema econômico gerador de dificuldades para a convivência familiar.